



# XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil



## Entre a Mente e o Corpo: Charcot e Paris no tempo da histeria.

Ana Carolina Verdicchio Rodegher\*, Heloisa André Pontes.

### Resumo

Na efervescente Paris da segunda metade do século XIX, o renomado neurologista francês Jean-Martin Charcot (1825-1893), um dos médicos mais prestigiados de sua época, obteve sucesso com inúmeras pesquisas em seu campo. Entretanto, foi através de seu encontro com a histeria e da criação da Iconografia Fotográfica da Salpêtrière que deixou seu nome marcado em uma história instigante e repleta de contradições. O objetivo dessa pesquisa foi o de analisar a trajetória de Charcot e, em especial os anos em que se dedicou ao estudo da histeria, considerando o contexto histórico e intelectual de seu período, marcado pela “modernidade” e por uma extensa rede onde se misturam a Paris oitocentista, o hospital Salpêtrière, a história da histeria, a prática clínica moderna e a conformação de novas tecnologias da imagem e do conhecimento.

**Palavras-chave:** Charcot, Histeria, Paris

### Introdução

Na efervescente Paris da segunda metade do século XIX, o renomado neurologista francês Jean-Martin Charcot, (1825-1893) um dos médicos mais prestigiados de sua época, obteve sucesso com inúmeras pesquisas em seu campo. Parte do reconhecimento da comunidade médica se dava pelo método anátomo-clínico. Base de suas pesquisas no campo da neurologia, esse método também guiou o médico em seu trabalho com a histeria, empreendimento menos neurológico de sua carreira, contudo, o que mais impactou seu nome.

Mobilizando uma bibliografia coerente com o período histórico no qual o neurologista viveu, o objetivo desta pesquisa foi o de analisar a trajetória de Charcot e, em especial os anos em que se dedicou ao estudo da histeria, considerando o contexto histórico e intelectual de seu período, marcado pela “modernidade” e por uma extensa rede onde se misturam a Paris oitocentista, o hospital Salpêtrière, a história da histeria, a prática clínica moderna e a conformação de novas tecnologias da imagem e do conhecimento.

### Resultados e Discussão

Durante todo seu percurso histórico, a histeria foi tanto associada quanto afastada da noção de “doença”, rendendo aos estudiosos que se aproximaram desse debate a constante dúvida de onde situar essa condição. Jean-Martin Charcot nos grafou a histeria, isto é, circunscreveu seus sintomas em torno da regularidade com que se apresentavam e criou a patologia. Entretanto, diferente das afecções com as quais o médico lidava, a histeria não apresentava uma evidência concreta que indicasse o surgimento de seus sintomas. Foi necessário ao neurologista, portanto, encontrar outro meio para comprovar que a série de sintomas constituía uma doença. E ele de fato encontrou: o registro.

Charcot apropriou-se da fotografia - que na segunda metade do século XIX passou a ser usada pelas ciências que se dedicavam a técnicas de cuidado, controle e mensuração do corpo, como a medicina e a criminologia - para apresentar a nosografia da histeria através da elaboração da *Iconografia Fotográfica da Salpêtrière*. O médico concebeu o processo do registro da histeria, isto é, a preparação da histérica para ser

fotografada como algo estritamente técnico. A comunidade médica, no entanto, não partilhava dessa certeza. Para muitos, o neurologista “inventou” a histeria através da sugestibilidade a que expunha as histéricas: a necessidade da pose para a captura da imagem.

Se por um lado a temporalidade do registro fotográfico abria brechas para se considerar que a experiência clínica da histeria era uma invenção, por outro a fotografia enquanto máquina, ausente de subjetividade, retrataria o real sem qualquer deturpação. Este “equivoco estranho que tem a ver com sua dupla natureza de arte mecânica: o de ser um instrumento preciso e infalível como uma ciência e, ao mesmo tempo, inexacto e falso como a arte” (ALINOVI apud FABRIS, 1991, p.173).

### Conclusões

Charcot, imerso na Paris oitocentista, se situava no bojo da modernidade. Em meio às instituições que integravam a cidade e dialogavam com o advento de novas tecnologias da imagem e do conhecimento, a um só tempo produzidas e produtoras do estatuto científico, estava o hospital Salpêtrière, um dos estabelecimentos onde a prática clínica moderna se instituiu e onde o neurologista edificou sua carreira.

Levando em consideração que “ideias e obras estão ancoradas em processos sociais concretos e contextos intelectuais precisos” (PONTES, 1998, p. 14) esta pesquisa procurou relacionar a trajetória de Charcot, em especial os anos em que trabalhou com a histeria decorrendo na produção da *Iconografia Fotográfica da Salpêtrière*, entrelaçando-a aos “cenários, sujeitos, discursos e práticas” que a envolveram (SARLO, 2010, p.24).

### Agradecimentos

Agradeço ao PIBIC-CNPq pelo financiamento desta pesquisa.

<sup>1</sup> FABRIS, Annateresa. “A fotografia e o Sistema das Artes Plásticas”. In: *Fotografia: Usos e Funções no Século XIX*. São Paulo: Edusp, 1991.

<sup>2</sup> PONTES, Heloisa. *Destinos Mistos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>3</sup> SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.